

MANDAR LEMBRANÇAS: ESSE ATO, TÃO COMUM NO PASSADO, TRADUZIA UM CARINHO GENUÍNO E UM DESEJO SINCERO DE MANTER LAÇOS VIVOS, MESMO À DISTÂNCIA.

Mandar lembranças foi durante séculos o modo simples de dizer que alguém permanece no coração, e resgatar esse gesto é preservar o afeto que sustenta a convivência.

O GESTO E SEU SIGNIFICADO

Mandar lembranças é um gesto afetuoso que ultrapassa as simples palavras e toca no fundo da nossa alma social e humana. Esse ato, tão comum no passado, traduzia um carinho genuíno e um desejo sincero de manter laços vivos, mesmo à distância. Hoje, em um mundo dominado pela rapidez das mensagens instantâneas e pela superficialidade das conexões virtuais, essa prática parece quase esquecida, mas seu significado continua profundamente valioso.

Trata-se de uma ponte de consideração, respeito e vínculo familiar ou comunitário. Quando alguém pedia para mandar lembranças, estava compartilhando consideração e garantindo que o outro soubesse que continuava presente nos pensamentos e no coração. Resgatar e cultivar esse costume é preservar a essência das relações humanas baseadas no afeto real e na verdadeira convivência.

A LEMBRANÇA CONFIADA A ALGUÉM

Havia nesse costume uma delicadeza que a técnica não soube reproduzir. A lembrança não era enviada diretamente, ela era confiada a alguém. Pedia-se ao vizinho que ia à cidade, ao parente que descia a serra, ao filho que partia para o quartel ou para o estudo: diga lá em casa que mandei lembranças. O recado passava de mão em mão, de boca em boca, e chegava carregado do calor humano de quem o transportou. Quem entregava a lembrança tornava-se parte do vínculo, e não apenas um meio de transmissão. A comunicação era, ao mesmo tempo, mensagem e comunhão.

Vale lembrar o que ensinou Paulo Freire ao interrogar o próprio ofício da extensão rural: comunicação não é transmissão de conteúdo de um polo a outro, é encontro de sujeitos mediados pelo mundo. Mandar lembranças era exatamente isso. Não havia emissor e receptor, havia três pessoas envolvidas em um mesmo laço.

AS LEMBRANÇAS NO INTERIOR

No interior, essa cultura ganhou expressões próprias. As lembranças viajavam nos programas de rádio das primeiras horas da manhã, quando os recados atravessavam vales e comunidades rurais e alguém, ao ouvir o próprio nome, sabia que não havia sido esquecido. Viajavam nas cartas escritas com letra cuidada, nas visitas de domingo, nos encontros de igreja, nas festas da comunidade. Ninguém precisava explicar o que aquilo significava. Era o modo como as pessoas simples diziam, sem constrangimento, que amavam.

Conheço isso por dentro. Desde 1989 conduzo o programa Alegria de Viver, e sei quantas vezes o rádio foi o carteiro afetivo das comunidades rurais, levando um nome, uma data, um abraço que ninguém teria outro modo de entregar.

FRASES SÁBIAS DE TODOS OS TEMPOS

Ben Sira (século II a.C.): Não te esqueças do amigo em teu coração e não o esqueças em tua abundância. O texto sapiencial já sabia que a prosperidade é o momento em que mais facilmente se esquece quem ficou atrás.

Sêneca (Cartas a Lucílio): Escreve-me com frequência, para que eu te tenha presente. O estoico romano, que jamais falou de sentimentalismo, entendia a carta como forma de presença.

Cícero (Sobre a amizade): Os ausentes estão presentes, e os mortos vivem, tal é a força da amizade. A definição mais antiga e mais exata do que fazemos ao mandar lembranças.

São Paulo (Carta aos Filipenses): Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós. A lembrança convertida em oração, que é a forma mais alta desse gesto.

Provérbio popular sertanejo: Quem manda lembrança não manda vazio, manda o que tem de melhor.

Provérbio africano (tradição bantu): Uma pessoa é pessoa por meio de outras pessoas. Não existimos sozinhos, existimos lembrados.

Mário Quintana: Essa lembrança talvez nem seja nossa, mas de alguém que, thinking em nós, só possa mandar um eco do seu pensamento. O poeta gaúcho imaginou a lembrança como recado que atravessa o mundo sem remetente conhecido.

Adágio latino: *Memoria est thesaurus omnium rerum* — a memória é o tesouro de todas as coisas.

TELMO DE LIMA FREITAS, RENATO TEIXEIRA E A POÉTICA DA SAUDADE

O cancionista popular e nativista guardou esse tema em obras de valor inestimável. Telmo de Lima Freitas, nascido em São Borja e falecido em 2021, aos 88 anos, é autor e compositor da valsa *Lembranças*, uma das peças mais respeitadas da música nativa gaúcha. Do mesmo criador vem o clássico *Esquilador*, sua música mais conhecida, que ganhou a Calhandra de Ouro na 9ª Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul, em 1979. O gaiteiro Porca Véia, que se tornaria um dos maiores intérpretes de sua obra, popularizou *Lembranças* a partir de 1988, e a canção segue sendo regravada por conjuntos e gaiteiros de toda a região.

Cabe um ajuste ao que se costuma dizer sobre a letra de *Lembranças*. A canção não trata de tropeadas nem da poeira das estradas, e sim de um encontro. Ela começa falando de almas perdidas que se encontram, machucadas pelo desprazer, e afirma que um aceno, um riso apenas, dá vontade da gente viver. Depois vem o quadro da tarde que morre, o sol que se vai devagar, as lembranças que tranqueiam com as águas passageiras do rio Uruguai e as sempre-vivas que, dormidas, se acordam na lembrança da primeira vez. Há ainda a imagem das guitarras como cigarras eternas entre as flores dos velhos ipês.

Complementando essa travessia poética, a canção *A Saudade é uma Estrada Longa*, marcada pela sensibilidade de Renato Teixeira, amplia essa visão do caminho percorrido pelas memórias. A saudade, quando compreendida como uma estrada longa, é o próprio trajeto que liga o passado ao presente, conectando pessoas, querências e vivências através dos anos. Se a estrada da saudade é longa, mandar lembranças é o aceno sincero que encurta distâncias e aquece quem caminha.

Ouçã as canções que inspiram esta reflexão:

• **"Lembranças" (Telmo de Lima Freitas):**

https://www.youtube.com/watch?v=pGZKflxYs_s

• **"A Saudade é uma Estrada Longa" (Renato Teixeira):**

<https://www.youtube.com/watch?v=w3t35Eh7IwU>

Esse detalhe me alcança de perto. No Sítio Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, cultivo justamente ipês e garapuvus. Quando as canções colocam a memória entre as flores dos velhos ipês ou ao longo dessa estrada de saudades, elas dizem em verso aquilo que a Agrosafia diz em conceito: o afeto tem raiz, e a raiz tem lugar. Mais notável ainda é o que se faz do gesto mínimo. Um aceno, um riso apenas. Nada de grandioso. Exatamente a matéria de que é feita a lembrança mandada.

O QUE SE PERDEU NÃO FOI A COMUNICAÇÃO

O que se perdeu não foi a possibilidade de comunicar, foi a intenção de honrar. Nunca estivemos tão conectados e tão pouco lembrados. Podemos falar com qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, em qualquer instante, e justamente por isso deixamos de reservar um pensamento a alguém. A abundância de contato produziu a escassez de atenção.

O gesto que exigia esforço tinha valor precisamente porque exigia esforço. Alguém precisava se lembrar, se dispor, confiar o recado e aguardar. Hoje o toque de tela é imediato, mas raramente é intencional. Byung-Chul Han descreveu o habitante do meio digital como parte de um enxame que produz barulho intenso sem produzir uma voz. O enxame comunica sem cessar e não é lembrado por nada. Zumbe, não canta.

UM EXERCÍCIO ESPIRITUAL

Mandar lembranças é, no fundo, um exercício espiritual. É reconhecer que o outro existe independentemente da nossa necessidade, que ele permanece em nós mesmo quando não está diante de nós. É afirmar que a ausência não dissolve o vínculo. Quem manda lembranças declara que a distância não apagou o afeto e que o tempo não desfez a consideração. Há nisso uma forma discreta de gratidão, e a gratidão é sempre o começo da convivência verdadeira.

Aqui a Pedagogia da Ausência mostra sua face mais terna. Recuar não é abandonar. Quem se retira e continua mandando lembranças ensina que a presença não depende do corpo diante do corpo, e que há formas de estar que não ocupam espaço.

UM ATO DE PERTENCIMENTO

Também é um ato de pertencimento. A lembrança enviada mantém o tecido comunitário íntegro, costurando famílias, vizinhanças e gerações. Uma comunidade se sustenta menos por acordos formais do que por esses pequenos gestos de reconhecimento mútuo, repetidos ao longo dos anos até se tornarem cultura. Onde as pessoas mandam lembranças, há memória. Onde há memória, há identidade. Onde há identidade, há raiz.

É o mesmo princípio que sustenta o cooperativismo. Nenhuma cooperativa se mantém apenas por estatuto e assembleia. Ela se mantém porque as pessoas se reconhecem, se perguntam umas pelas outras, mandam lembranças de uma comunidade a outra. Meu pai, Auri Fábio Lotério, pioneiro cooperativista, sabia disso sem precisar de teoria.

REAPRENDER O GESTO

Talvez seja tempo de reaprender o gesto. Não como nostalgia, mas como decisão. Perguntar por alguém que não vemos há anos. Pedir a um filho que leve um abraço ao avô. Escrever o nome de uma pessoa querida e enviar-lhe uma palavra sem motivo, sem pedido, sem interesse. Dizer a quem cruza nosso caminho: lembre-me àquela pessoa. São gestos mínimos, quase invisíveis, e no entanto são deles que se fazem as vidas lembradas.

Comece hoje. Escolha três nomes. Mande lembranças.

O QUE FICA

As lembranças que ficam na memória não são as que recebemos, mas as que soubemos enviar. Ao final, o que resta de nós na vida dos outros é a soma do carinho que fizemos chegar, mesmo de longe, mesmo em silêncio, mesmo pelas mãos de terceiros.

Quem manda lembranças planta presença. E presença, mesmo à distância, é a mais duradoura forma de amor.